



## Resenha do livro

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2005, 78p.

Por *Neise Deluiz e Victor Novicki* - UNESA

O presente ensaio foi escrito pelo filósofo húngaro István Mészáros para a conferência de abertura do Fórum Mundial de Educação, realizado em Porto Alegre, em 2004. A idéia central do texto é a de que sob a ótica das relações sociais capitalistas a educação permanece dentro dos limites da perpetuação do domínio do capital como modo de reprodução social metabólica. Por isso torna-se necessário romper com a lógica do capital se quisermos

contemplar a criação de uma ordem social qualitativamente diferente e uma práxis educativa emancipatória.

O livro de Mészáros traz no Prefácio os comentários de Emir Sader e na contracapa os de Gaudêncio Frigotto, e está constituído por quatro seções. Na primeira, denominada “*A incorrigível lógica do capital e seu impacto sobre a educação*” o autor argumenta que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente relacionados, sendo inconcebível, portanto, uma reformulação significativa da educação sem a transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir suas vitais e históricas funções de mudança.

A razão para o fracasso de todos os esforços de transformação na sociedade por meio de reformas educacionais consiste, segundo o autor, no fato de as determinações fundamentais do sistema capital serem irreformáveis. Nesse sentido, apresenta como exemplo as concepções do economista político Adam Smith e do reformador social e educacional utópico Robert Owen, para ilustrar os limites objetivos e intransponíveis de uma alternativa educacional significativamente diferente dentro da lógica do capital.

Smith, apesar do seu profundo compromisso com o modo capitalista de organização da reprodução econômica e social, condenou os impactos negativos do sistema sobre a classe trabalhadora, apontando como a educação é desprezada, ou no mínimo negligenciada sob o avanço triunfante do “espírito comercial”. Owen denunciou a busca do lucro e o poder do dinheiro na relação capital e trabalho, esperando que a educação, através da razão e do esclarecimento, tornasse essas relações menos desumanas e conflitantes.

Diante desses exemplos Mészáros aponta o que considera o impossível: “a reconciliação da concepção de uma utopia liberal/reformista com as regras implacáveis da ordem estruturalmente incorrigível do capital” e finaliza a seção assinalando que hoje, o sentido da mudança educacional radical não pode ser outro senão perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de ruptura do controle exercido pelo capital.

Na segunda seção “*As soluções não podem ser apenas formais: elas devem ser essenciais*” Mészáros destaca como a educação institucionalizada tornou-se uma peça do processo de acumulação do capital, servindo tanto ao propósito de fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema capital, quanto de gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes. No sentido amplo do termo educação trata-se, como aponta o autor, de uma questão de “internalização” por parte dos indivíduos da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, com suas expectativas “adequadas” e as formas de conduta “certas”.

As instituições formais de educação são uma parte importante do sistema global de internalização, mas apenas uma parte, como lembra o autor. Os indivíduos devem ser induzidos a uma aceitação ativa dos princípios reprodutivos orientadores dominantes na própria sociedade, adotando as perspectivas globais da sociedade mercantilizada como inquestionáveis limites individuais a suas aspirações pessoais.

Por isso, aponta Mészáros, também no âmbito educacional as soluções não podem ser formais, elas devem ser essenciais. O que precisa ser confrontado e alterado é todo o sistema de internalização, com suas dimensões visíveis e ocultas. Para o autor, romper com a lógica do capital na área da educação significa substituir as forças onipresentes e enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa concreta abrangente.

A terceira seção “*A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice*” destaca a importância da internalização de uma concepção ampla de educação e da vida intelectual que abrange todos os momentos de nossa vida, dentro e, particularmente, fora da escola. Segundo István Mészáros, a educação deve se voltar para a superação da alienação inerente à ordem social capitalista, tornando consciente este processo de aprendizagem em sentido amplo, de tal forma que também nos reconheçamos como responsáveis pela manutenção ou mudança de nossas visões de mundo e, conseqüentemente, de nossas condições de existência.

Esta educação emancipadora é possível apesar do aparelho de propaganda - à disposição das classes dominantes-, e da educação formal, que tem como principal função, segundo o autor, induzir a um conformismo generalizado, garantindo a reprodução da correlação de forças presente na sociedade.

Em síntese, nesta terceira seção, tendo em perspectiva a auto-realização dos indivíduos, Mészáros defende a necessidade de uma contra-hegemonia gramsciana ou, em suas palavras, da “contra-internalização” da ordem social alienante, através de uma concepção ampla de educação que abrange a totalidade das práticas político-educacionais e culturais. Entretanto, o autor destaca também a práxis, ao argumentar que esta educação não deve se esgotar na importante fase de negação do capitalismo, mas definir uma alternativa abrangente concretamente sustentável.

Na quarta e última seção “*A educação como ‘transcendência positiva da auto-alienação do trabalho’*”, ao considerar que a reprodução do capital requer uma desumanizante alienação e subversão fetichista do real estado de coisas dentro da consciência, Mészáros entende que é necessária uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis da nossa existência, colocando assim o desafio “para além” da educação.

Não se trata, conforme enfatizado pelo autor, de uma reforma ou mudança gradual, mas a explicitação e superação da alienação do trabalho através da negação radical do capitalismo, cabendo à educação preconizada por Mészáros contribuir para a mudança das condições objetivas de reprodução e, simultaneamente, uma automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente: a “sociedade de produtores livremente associados”. Portanto, segundo o autor, não é surpreendente que na concepção marxista a efetiva transcendência da auto-alienação do trabalho seja caracterizada como uma tarefa inevitavelmente educacional.

Neste processo, Mészáros condiciona a negação radical do capitalismo à indissociabilidade da universalização da educação e do trabalho, pressupondo necessariamente a “igualdade substancial” de todos os seres humanos. O autor detecta na “alienação de mediações de segunda ordem” - Estado, mercado e trabalho subordinado ao capital - um problema que tem como solução a automeiação, o autocontrole, a auto-realização através da liberdade substantiva e da igualdade, numa ordem social reprodutiva conscienciosamente regulada pelos indivíduos associados.

A alternativa abrangente concretamente sustentável, entendida como controle consciente do processo de reprodução metabólica social, segundo Mészáros, precisa ser distinta da “destrutibilidade fundamental da ordem reprodutiva do capital” - da “destruição produtiva”, do capitalismo no passado, à “produção destrutiva” - que o autor denuncia como devastadora dos principais fatores de produção, vistos em uma perspectiva reducionista como “recursos” humanos e naturais, subsumidos ao processo de acumulação capitalista, através de um desenvolvimento desigual e combinado que articula desperdício (consumismo) e escassez (gerando a desigualdade/exclusão social).

Neste sentido, cabe a uma “educação para além do capital” propiciar condições para o estabelecimento de prioridades e definição das reais necessidades sociais, visando romper a lógica do capital e ao mesmo tempo elaborar planos estratégicos para uma educação que tenha como tarefa a transformação social, ampla e emancipadora.